

Nenhum saber a menos!

Sandra Maria Cerqueira da Silva

Doutora pela FEA/USP

UEFS/FAT

mestsandra@gmail.com

A chegada

Antes de discorrer sobre o pretendido, é importante situar vocês leitores sobre algo do percurso de quem vos fala; de minhas andanças como uma mulher negra por lugares sempre apontados como um não lugar para mulheres, e ainda menos para negras (os). Para tanto, esboço um passeio rápido pelos momentos mais recentes de minha traje / história. Assim, optei por socializar minha experiência no doutorado.

Uma mulher negra, nordestina e de origem simples chega a uma instituição referenciada como uma das melhores do país e se propõe a discutir gênero e raça em uma área apontada *Ad infinitum* e internacionalmente como espaço masculino, e, na maioria dos casos, tomada por pessoas brancas. Como não bastasse a “ousadia”, a proposta de pesquisa era na abordagem qualitativa e perspectiva crítica. Não foi um caminho leve.

Depois de conhecer o êxito em um processo seletivo árduo, eis que chega o momento de deixar na Bahia minha filha - à época com seis anos de idade, familiares, amigas (os), colegas e todo um modo de experienciar a vida. Para realizar a pós-graduação precisei me mudar para São Paulo e assimilar, em tempo recorde, toda uma mudança de estar e se colocar no mundo. Agora eu precisava dar conta paralelamente de duas vidas.

As pedras no caminho

A ideia era construir uma tese falando de mulheres e de raça na contabilidade, na abordagem qualitativa e na perspectiva crítica. Uma proposta a princípio, inaceitável. Sobretudo para a escola dos professores. Um ambiente que só percebe como válida as pesquisas que se mantêm no *mainstream*, como pesquisas quantitativas, positivistas e pós-positivistas. Desta forma, foram continuamente utilizadas diferentes formas para tentar desqualificar o projeto. Diante das reações de resistência à temática inovadora escolhida fora necessário estabelecer estratégias para manter a reflexão e demonstrar a validade da pesquisa.

Para além dos vários marcadores sociais da diferença que carrego, como sempre, as barreiras ao novo foram erigidas para e por todos os lados. Por vezes me senti sem saída. E é aqui que vos digo, sempre há uma fresta. Busque-a!

Quando você confia e sente a relevância do seu projeto, deve defendê-lo desde a própria concepção e até o momento da apresentação da cria, como o fiz. Foram inúmeros consórcios doutorais, nos quais ouvi comentários perversos e desalentadores. É

importante não desanimar! Agora a tese já é fato. Já há frutos oriundos de “Tetos de vitrais: gênero e raça na Contabilidade, no Brasil”.

Por que é importante trocar de lentes?

Durante toda a nossa vida são tantos os acontecimentos que nos alcançam. Na maioria destes, podemos ver e/ou perceber com clareza o que ocorre, noutros momentos ou circunstâncias, precisamos nos ater aos detalhes e até ir mais fundo, para compreender todo o emaranhamento que envolve as construções sociais cotidianas. O ideal seria que, a cada situação, nos fosse oportuno olhar por diferentes ângulos. Assim reuniríamos melhores condições para sermos fiéis à realidade. E foi esta minha motivação para tese.

Não podemos ou devemos incorrer no risco de instrumentalizar argumentos a partir de uma única lente. Tomando por empréstimo as palavras da Chimamanda Adichie, devemos estar atentas (os) para o perigo da história única. Ademais, dispomos de recursos para ampliar nossa leitura de mundo. Por que não explorar?

Se limitar a um único paradigma representa um risco severo à miopia. Isto resulta em Fechamentos (Sacks, 1983), que são tipos de exclusão com base em credencialismo, com a conseqüente escolha de um caminho como ‘o correto’. Em todos os campos do conhecimento é possível identificar processos de fechamento (Annisette, 2003). Portanto, conforme por Silva (2016), estes também estão presentes na Contabilidade. Assim, em função do fechamento, é possível que as pessoas deixem de ter acesso a uma diversidade de oportunidades diferentes, quiçá mais estimulantes.

Em processos de fechamento pessoas estabelecem regras e condições para que novos Seres possam fazer parte de determinados grupos. Dessa forma, ‘O Outro’ que não reúne os requisitos impostos ficam à margem daqueles fechados em grupos específicos, nos quais somente ‘associados’ podem desfrutar de acesso a informações e possibilidades de trânsito. Silva (2016) aponta este modo de agir como uma estratégia reinante e que faz com que relações de poder e, portanto, o *status quo* se mantenha.

É possível inferir que a falta de representatividade é um dos subprodutos do fechamento de grupos. Não avalio leviano crer que, graças aos fechamentos no país, há tamanha falta de representatividade das minorias nos espaços de poder. E, com isto, um senão de problemáticas sociais permanecem invisibilizadas. Nós buscamos ter perto de nós pessoas que pensam e agem de forma semelhante e / ou coerente com o que compreendemos como correto e verdadeiro. Ou seja, não há espaço para ‘a diferença’.

As pessoas são resistentes a mudanças. Em geral, dentro de um grupo fechado, quando alguém tenta inovar é vista (o) com ressalvas. Diante da necessidade de pertença e aceitação, participantes de grupos fechados ficam diante de vários riscos, dentre estes: acomodação – por se acreditarem seguras (os); por receio de inovar e ser excluída (o).

Por vezes, atentas (os) às necessidades do grupo e de interesses específicos dos participantes, esquece-se do todo, do social, de que vivemos em comunidades e que, independentemente da localização das pessoas no mundo, estamos interligadas (os).

Esquece-se, por exemplo, que todas as áreas de conhecimento podem e devem agir pelo conjunto da sociedade; pela promoção de dias melhores e com melhor qualidade de vida. Conforme destaca Ribeiro (2019) é necessário ofertar algo para além das discussões estéreis e dicotomias vazias que se balizam por “é um conceito importante ou não é?” e que tentam encerrar uma teoria em opiniões ou inversões lógicas.

Os problemas relativos às pessoas e fatos historicamente silenciados são exemplos de situações que precisam ser trazidas à tona, discutidas e, depois disso, erigidos meios para mudar o contexto em que se apresentam, com a promoção da equidade. Nenhuma área de conhecimento pode se furtar de discutir problemáticas relacionadas ao Ser. Neste sentido, um único paradigma não reúne condições de facultar a leitura e compreensão das inúmeras circunstâncias relacionadas ao ser social. Além do quê, as pessoas são diferentes. Portanto, necessitam de formas diferentes, ou que melhor se adequem a sua forma de perceber e se colocar no mundo.

Convite para um banquete farto

Pesquisadores contemporâneos, como Lourenço e Sauerbronn (2018) têm registrado a “baixa diversidade e certa incapacidade de repensar a orientação positivista e de perceber possíveis incompletudes, desordens, contradições e a complexidades do fenômeno contábil”. Neste sentido, é preciso ter em mente que a linguagem detém a capacidade de funcionar como mecanismo de manutenção de poder. Daí a relevância da pluralidade no fazer.

Brokfield (2005, p. vii) registra que parte dos objetivos da teoria crítica é proporcionar uma perspectiva que auxilie pesquisadores e, particularmente, educadores a ressignificar os dilemas, contradições e frustrações que experimentam no seu trabalho. Em seus estudos, Silva (2016) optou pela Teoria Crítica, tendo por base o ponto de vista de Brokfield (2005), a qual trata da necessidade de aprender a desafiar a ideologia, os concursos de hegemonia, de desmascarar o poder, instar a superar a alienação, aprender a promover a libertação, na buscar razão, e, no ato constante da prática da democracia.

Precisamos desenvolver capacidades para entender a natureza da realidade como um todo e no particular. É pensar em um todo coerente que nunca é estático ou completo, mas um processo infundável de movimentos construídos e desdobramentos. Muitos destes, não são assertivos. O convite é para trazer à luz informações; é refletir a partir de novas premissas e, com isto, desestabilizar verdades, tais como: as que apontam quem pode e quem não pode falar, bem como, a hierarquização de saberes.

Ribeiro (2019, p.16) - para tratar da importância de dar visibilidade aos longínquos processos de resistência do feminismo negro que foram invisibilizados-, menciona Lélia Gonzalez, para dizer como este processo perverso de hierarquização de saberes “legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido,

estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento.” As pessoas já estão cientes que não há verdades absolutas.

E, com este ânimo que convido você a fazer frente ao importante processo de refletir e promover discussões e ações sobre as possibilidades de ampliação do papel da Contabilidade para o mercado brasileiro, a exemplo de vários recortes mundiais. Nestes termos, o esperado é que se possa fornecer informações mais coerentes com a realidade e necessidades atuais, em especial para elaboração de políticas públicas. É pensar produções de um modo que seja diferenciado e acessível.

No contexto internacional é possível encontrar *Top Journals* e eventos que já se abriram para novos paradigmas. A perspectiva crítica, por exemplo, nos abre um leque de opções de pesquisas, capazes de proporcionar acesso a proble / temáticas que assolam a sociedade. É *mister* abraçar a oportunidade ímpar de restituir ‘humanidades negadas’, conforme registra Xavier (2017). Arriscaria dizer que, em verdade, não há reserva sobre qualquer temática. O convite aqui não é impor uma epistemologia de verdade, mas de contribuir para o debate na área, a partir de diferentes perspectivas.

É possível encontrar, em diferentes lugares no mundo, grandes e relevantes reuniões científicas como o AAA, o CSA (2017; 2019), com espaço para discussão de temas e abordagens anteriormente pouco ou não presentes. Além de terem *tracks* que contemplam “ousadias”, já é possível registrar premiações de trabalhos com novas formas e olhares. Este é um caminho que só tende a ser ampliado. Isto porque com as novas possibilidades de abordagens, nos é facultado dar voz para pessoas e temáticas historicamente excluídas. Nenhum saber a menos! Atentem para isto!

REFERÊNCIAS

Brokfield, S. (2005). *The power of critical theory: liberating adult learning and teaching*. Nova York, NY: Open University.

Critical Accounting Studies (CSA). (2019). Haslam, J. ; Atkins, J. ; Sauerbronn, F. F.; Nova, S. P. C. C.; Corrigan, L.; Colina, M. V. (2017). *Critical Accounting Studies - CMS-2017*, Liverpool.

Lourenço, R. L.; Sauerbronn, F. F. (2018). Teorias da prática social para pesquisas em contabilidade gerencial: possibilidades a partir de Pierre Bourdieu e Anthony Giddens. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, v. 15, p. 1, 2018.

Ribeiro, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Djamila Ribeiro. Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017. 112 p.; 159 cm. (Feminismos Plurais) ISBN: 978-85-9530-073-6.

Sacks, M. (1983). Removing the blinkers? a critique of recent contributions to the sociology of professions. *The Sociological Review*, 31, p. 1–21.

Silva, S. M. C. da (2016). Tetos de vitrais: gênero e raça na contabilidade no Brasil. Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 2019-11-07, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-03082016-111152/>

Xavier, Giovana. Feminismo: direitos autorais de uma prática linda e preta. Folha de S.Paulo, 19 jul. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/JVA9FJ>>. Acesso em: 09 dez. 2019.